

ETNICIDADE E TRADIÇÕES CERAMISTAS: ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DAS ANTIGAS ALDEIAS BORORO DO MATO GROSSO

Irmhild Wüst*

Introdução

Uma vez que não existe uma correlação simplista entre cultura material e grupos étnicos, como já foi salientado, entre outros, por Hodder (1978, 1982) e Jones (1997), a pesquisa arqueológica, em áreas nas quais ocorre uma continuidade entre grupos etnográficos e o registro arqueológico, representa um desafio no estudo de processos que envolvem continuidades, rupturas, manutenção ou abandono de tradições e/ou fronteiras estilísticas. Isto vale sobretudo para o contexto do impacto entre sociedades nativas e os colonizadores, como é o caso dos Bororo Orientais do Mato Grosso.

Apesar das inúmeras investigações etnográficas entre sociedades indígenas no Brasil Central, (cf., entre outros, Nimuendajú 1942, 1946; Maybury-Lewis 1979), são perpetuadas ainda uma série de idéias errôneas a respeito das sociedades pré-coloniais que ocuparam esta área e que são especialmente apreensíveis na opinião pública, em livros didáticos do ensino básico e mesmo em alguns círculos arqueológicos (cf. sobretudo Meggers 1991, 1995; Miller *et al.* 1992). A raiz destas idéias deve ser procurada no interesse de justificar a expansão da sociedade brasileira sobre aqueles territórios ainda ocupados por grupos indígenas e podem ser resumidas da seguinte forma: os grupos indígenas atuais do Brasil Central seriam legítimos representantes dos seus antepassados anteriores ao contato; seriam predominantemente caçadores/coletores; ocupariam aldeias pouco populosas; e, não por último, possuíam uma homogeneidade cultural e étnica.

As investigações lingüísticas, biológicas e etnohistóricas, no entanto, mostram que as sociedades nativas do Brasil Central sofreram significativos deslocamentos territoriais, mudanças culturais, bem como complexos processos de fusão e fissão e que se acentuaram em consequência do contato direto e indireto com a sociedade nacional (cf., entre outros, Castro e Cunha 1993, Cunha 1992, Neves 1991, Verzwijver 1978). Por sua vez, as pesquisas arqueológicas no Brasil Central dos últimos 25 anos contribuíram, até certo ponto, para modificar este quadro distorcido (cf., Heckenberger 1996, Schmitz *et al.* 1982; Wüst 1983, 1990; Wüst e Carvalho 1996). Todavia, as abordagens teóricas dos trabalhos pioneiros estavam ainda fortemente calcadas nos conceitos da História Cultural e da subjacente idéia normativa da cultura. Encontramos, assim, na literatura arqueológica desta área ainda uma freqüente correlação entre fases cerâmicas e sociedades etnográficas atuais, sem que, todavia, uma continuidade cultural entre o presente e o passado seja claramente demonstrada (cf., sobretudo, Schmitz *et al.* 1982).

Neste artigo serão explorados alguns dos dados arqueológicos e etnohistóricos das aldeias Bororo do passado para discutir a natureza das continuidades e descontinuidades culturais no sudeste do Mato Grosso e as suas implicações para o debate da etnicidade versus cultura material, sobretudo no que tange aos artefatos cerâmicos. Com base nestes dados empíricos argumentarei que:

- 1 – uma associação entre grupos etnográficos específicos e cultura material é apenas viável se há uma comprovada continuidade entre o presente etnográfico e o passado arqueológico;

(*) Museu Antropológico, Universidade Federal de Goiás.

2 – tradições ceramistas distintas podem estar relacionadas a povos que, do ponto de vista ênico, se consideram pertencentes a uma mesma sociedade;

3 – grupos indígenas atuais podem ser resultado de fusões étnicas e culturais, inclusive posterior à Conquista, de modo que não deverão ser considerados como entidades homogêneas;

4 – as sociedades nativas sofreram mudanças culturais significativas devido ao contato com as sociedades de origem europeia e africana, de modo que o presente etnográfico não deverá ser projetado de forma simplista para o passado;

5 – os dados etnoarqueológicos nos parecem ser mais úteis quando apenas contrastados com o contexto pré-contato.

A ocupação pré-colonial no tradicional território Bororo

A pesquisa etnoarqueológica entre os Bororo foi realizada entre 1983 e 1984 nas aldeias de Tadarimana e Córrego Grande e as prospecções e escavações arqueológicas se estenderam na área do rio Vermelho (sudoeste do Mato Grosso) até 1994.¹ Esta região pode ser considerada o coração do território Bororo e se caracteriza por um complexo mosaico fito-geográfico que abrange cerrados e florestas, sendo estas últimas mais abundantes ao longo dos principais cursos d'água. Um resumo das ocupações pré-coloniais, com uma seleção das respectivas datações absolutas, encontra-se na Tabela 1.

As primeiras evidências da ocupação humana na bacia do Rio Vermelho recuam a aproximadamente 10.000 anos, como é atestado pelo material lítico das camadas inferiores do abrigo MT-SL-31 e que se assemelha à tradição Itaparica. Trata-se de um amplo horizonte cultural cujos sítios se estendem do nordeste ao Brasil Central e que

Schmitz (1987) associa a uma economia de caça e coleta generalizada. No período subsequente, inclusive durante o *optimum climaticum*, registram-se nos abrigos do sudeste do Mato Grosso indústrias líticas locais, ainda pouco definidas, uma vez que nesta categoria de sítios o lascamento se restringiu predominantemente à curadoria de instrumentos, como é atestado para o abrigo MT-SL-71, cuja ocupação acerâmica recua ao redor de 5.000 a.C. e perdura até a era cristã (cf. Wüst 1990).

As primeiras práticas agrícolas parecem iniciar-se no sudeste do Mato Grosso ao redor de 800 a.C. e antecedem o período cerâmico, como é atestado por mudanças significativas nos padrões de assentamento dos sítios a céu aberto, identificados com a tradição Tombador. Esta indústria caracteriza-se por grandes lascas de quartzo obtidas por percussão dura e ocasionalmente pela técnica bipolar. Os instrumentos apresentam um reduzido trabalho secundário e foram predominantemente empregados para raspar, cortar e perfurar (Wüst 1990: 347-8, 1992). Os primeiros grupos ceramistas, cujos vasilhames apresentam uma certa semelhança com a tradição Una (cf. Wüst e Schmitz 1975) se fazem presentes ao redor da era cristã e ocuparam predominantemente abrigos.

As grandes aldeias anulares dos ceramistas da tradição Uru, cujos diâmetros podem atingir 500 metros, formando as suas unidades residenciais um, dois ou mesmo três anéis concêntricos, marcam a sua presença a partir aproximadamente de 900 d.C. Apesar de uma certa continuidade no lascamento da pedra, característico da tradição Tombador (cf. Wüst 1990), o aparecimento relativamente repentino deste novo modo de vida indica não apenas profundas mudanças no modo de subsistência e na organização sociopolítica, mas também significativos “inputs” populacionais, eventualmente oriundos da região amazônica ou do nordeste brasileiro (cf. Robrahn-González 1996, Wüst e Barreto, no prelo). Tanto as estimativas demográficas e a localização dos seus assentamentos, quanto os utensílios cerâmicos, que englobam grandes bacias, assadores e jarros (cf. Wüst 1990), indicam que a agricultura, sobretudo da mandioca, desempenhou um papel importante no sistema de abastecimento. A camada arqueológica destes assentamentos geralmente não ultrapassa 30 cm de profundidade, apontando para um relativo curto tempo de ocupação. No entanto, a densidade e o espaçamento dos sítios remete, sobretudo, a micro-deslocamentos, de modo que fatores ambientais, tais

(1) A pesquisa arqueológica e etnoarqueológica foi em grande parte financiada pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e contou com a colaboração de Renate B. Viertler (Universidade de São Paulo).

TABELA 1

Datações absolutas selecionadas para o território Bororo				
Sítios arqueológicos	Datação absoluta A.P.	Data absoluta calibrada*	Nº do laboratório	Culturas arqueológicas
MT-SL-11	230±70	1660 AD	Beta-27427	Cerâmica Bororo
MT-SL-51	590±60	1400 AD	Beta-27432	Tradição Uru (sítio em situação defensiva)
MT-SL-62b	680±60	1300 AD	Beta-31033	Tradição Tupiguarani Policrômica
MT-SL-29	1150±65	890 AD	N-5114	Tradição Uru (primeiras aldeias anulares)
MT-SL-71	1990±70	20 AD	Beta-31036	Tradição lítica local
MT-SL-72	2390±60	400 a.C.	Beta-78256	Aparecimento da cerâmica Una em abrigos
MT-SL-37	2570±70	790 a.C.	Beta-27428	Sítios Líticos: Tombador (transição para agricultura)
MT-SL-71	5750±80	4580 a.C.	Beta-31037	Tradição lítica local
MT-SL-31	10080±80	9650 a.C.	Beta-78253	Tradição Itaparica

(*) Calibrado com 1 sigma, segundo Stuiver and Reimer 1993.

como esgotamento de solos, não devem ser responsabilizados por este tipo de mobilidade, como já foi constatado, por exemplo, por Carneiro (1983) e Gross (1983). As diferenças consideráveis, no tamanho e na morfologia dos assentamentos dos portadores da tradição Uru, parecem indicar uma hierarquia relativamente fluida, bem como frequentes processos de cisão e fusão de comunidades locais. Uma correlação estatística entre sítios maiores e uma maior quantidade de artefatos líticos e cerâmicos “intrusivos” sugere uma certa hierarquia de assentamentos, mas sem que haja qualquer evidência para uma centralização do poder, especialização econômica ou artesanal em nível das comunidades locais (Wüst 1990). No entanto, a análise espacial do sítio MT-RN-32 sugere a ocorrência de uma certa divisão de trabalho entre unidades residenciais, especialmente no que tange ao processamento da mandioca. Constatou-se, adicionalmente, que também nem todas as unidades residenciais participaram das redes de troca que, por exemplo, envolveram artefatos cerâmicos temperados com cauxi de origem distante (Wüst 1990: 440). Estes dados fornecem os primeiros indicadores para uma certa complexidade organizacional interna.

Apesar de algumas variações estilísticas temporais e regionais, no que se refere às formas dos recipientes e aos atributos decorativos, observa-se,

pelo menos a partir do século XIII da nossa era, uma certa tendência em ocupar de forma mais sistemática os vales principais onde os solos apresentam uma maior fertilidade e o acesso aos abundantes recursos aquáticos é facilitado. Esta mudança na apropriação do espaço foi interpretada em termos de uma certa intensificação das estratégias de captação de fontes protéicas alternativas, motivada por um aumento demográfico e uma certa circunscrição (Wüst 1992: 418-419). A partir do final do século XIII e o início do século XIV, o Brasil Central foi cenário de pressões demográficas não apenas internas, mas também externas, provavelmente oriundas do oeste e do norte. No alto Xingu, são atestadas pela construção de imponentes valetas de natureza defensiva (cf. Heckenberger 1996) e, na bacia do rio Vermelho, pela instalação de assentamentos Uru nos topos de elevados morros testemunhos de difícil acesso, como é o caso do sítio MT-SL-51, e uma maior diversidade das tradições cerâmicas (Wüst 1990: 418). Entre os grupos que podem ter contribuído para o surgimento destas estratégias defensivas, parecem ter figurado os portadores da tradição policrômica Tupiguarani. Os seus assentamentos, embora numericamente reduzidos, recuam pelo menos ao século XIII e perduram até o período histórico, quando os seus artefatos aparecem em algumas aldeias Bororo.

Os portadores da tradição Uru apresentam uma continuidade cultural até a segunda metade do século XVII e o início do século XVIII, quando são substituídos, e talvez parcialmente incorporados aos Bororo etnograficamente conhecidos. Trata-se de um período que se caracteriza por uma acentuada descontinuidade cultural no que tange aos artefatos cerâmicos e líticos, permanecendo, contudo, a forma anular dos assentamentos e a ocupação preferencial ao longo dos maiores cursos d'água. A mudança no repertório tecnológico pode ser associada à presença dos Bororo etnográficos que estabelecem a sua primeira aldeia na bacia do rio Vermelho (MT-SL-11) ao redor de AD 1660. Trata-se do assentamento que, pela tradição oral e a mitologia (Albisetti e Venturelli 1967: 257-261), foi identificado como a aldeia de Arigao Bororo.

Dados etnohistóricos e etnográficos

Segundo Albisetti e Venturelli (1962: mapa), o tradicional território dos Bororo Orientais abrange uma área de 230.000 quilômetros quadrados e se estendia desde o Araguaia até o Paraguai e do rio das Mortes até o Taquari (vide Figura 1). Durante os primeiros contatos a sua população foi estimada em torno de 10.000 pessoas, das quais restam hoje apenas aproximadamente 800 indivíduos que vivem em quatro reservas (Viertler 1990).

Os Bororo pertencem lingüisticamente ao tronco Macro-Gê e se caracterizam por um sistema dual e clânico, predominantemente matrilocal e matrilinear, desempenhando as metades, espacialmente localizadas, um papel exogâmico. As unidades residenciais das mulheres da metade Tugarege se situam na parte sul da aldeia, enquanto as da metade Eceráe ocupam a parte norte (Albisetti e Venturelli 1962: 434-437)² (vide Figura 2). Apesar de atualmente as comunidades locais serem econômica e politicamente independentes, há indicadores de que no passado existia uma certa forma de integração regional por meio de influentes chefes políticos, como foi ressaltado por

Viertler (1989). Os membros de aldeias próximas mantinham redes de relações sociais relativamente estreitas, especialmente durante os rituais funerários e as migrações sazonais em cujas rotas figuravam também aldeias vizinhas. As histórias de vida e os censos demográficos revelaram adicionalmente um elevado fluxo demográfico entre os assentamentos, favorecido pela organização social. Este fluxo populacional foi interpretado por Viertler (1986) em termos de uma economia redistributiva, motivada por uma constante busca de prestígio. Tais relações entre os moradores das aldeias se distinguem fortemente daquelas de outros grupos do Brasil Central, entre os quais a animosidade, bem como cisões, em decorrência de disputas pelo poder, são frequentes, como no caso dos Xavante (Maybury-Lewis 1974).

Os primeiros contatos diretos dos Bororo com a sociedade brasileira remontam a 1649, quando bandeirantes paulistas atingem a região de Cuiabá à procura de ouro. Relações hostis entre estes índios e os brancos permanecem até meados do século XIX, período em que a maioria foi assentada em missões salesianas. A região do rio Vermelho representou, no entanto, o último refúgio para os Bororo "Livres" que apenas no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX entraram em contato direto e contínuo com a sociedade brasileira ao se iniciar a construção da linha telegráfica de Goiás a Cuiabá.

Segundo a tradição oral e a interpretação do corpo mitológico (Viertler 1986, 1987; Crocker 1969), os Bororo se concebem como descendentes de grupos locais distintos. Um mapa ênico, predominantemente elaborado a partir do nosso informante Bororo Cirilo, indica, por meio de um rol de 50 antigas aldeias com privacidade clânica, aquelas áreas nas quais proto-clãs parecem ter exercido uma certa hegemonia política (vide Figura 2 e Wüst 1990: 125-126). Dados adicionais desta visão ênica, segundo a qual os Bororo se consideram descendentes de grupos locais ou mesmo étnicos distintos, podem ser encontrados em Viertler (1987), onde os episódios míticos são interpretados em termos de um processo em que as disputas iniciais entre comunidades locais de proto-clãs específicos, foram gradualmente substituídas por alianças e casamentos exogâmicos. A consolidação final do sistema social atual parece ter ocorrido na região do baixo ou médio

(2) Para uma descrição e análise mais detalhada da complexa estrutura social Bororo vide: Crocker (1967), Lévi-Straus (1973), Viertler (1976).

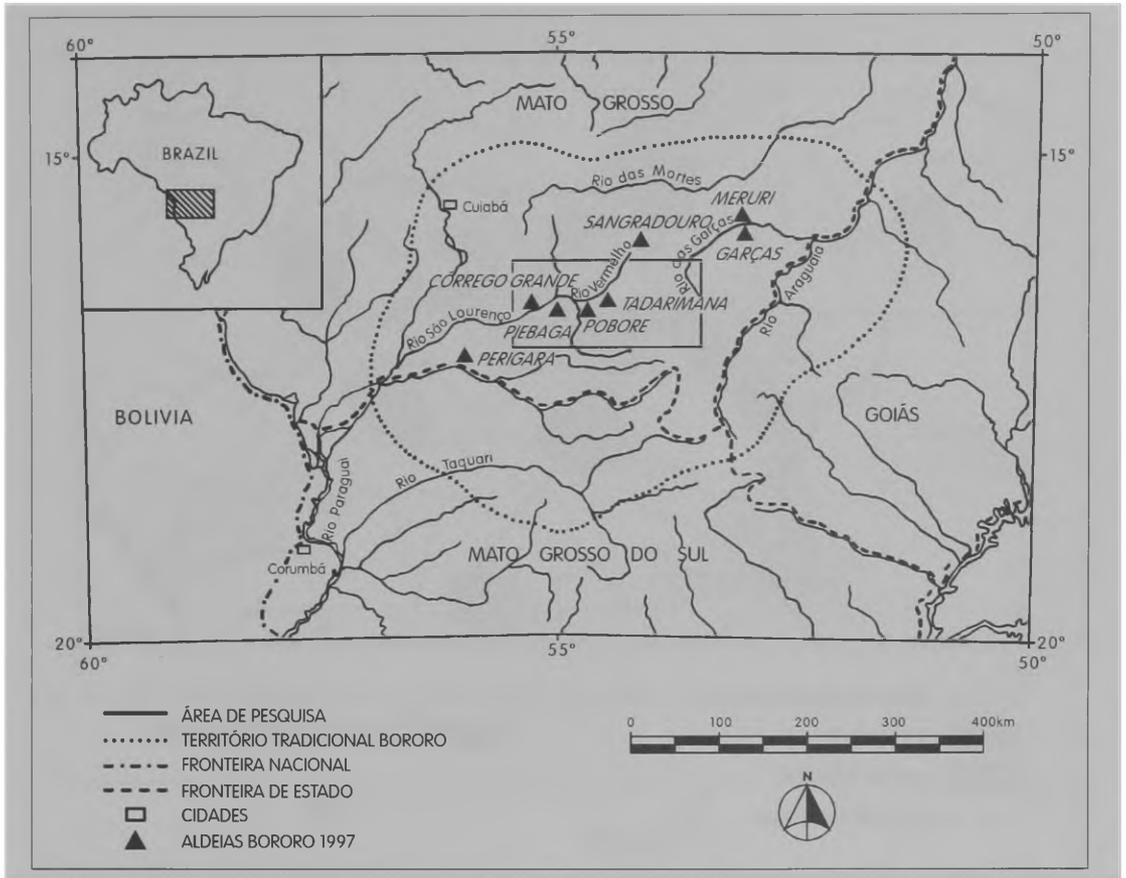


Fig. 1 – Território Bororo, aldeias atuais e localização da área de pesquisa.

São Lourenço, na localidade Arua Bororo (Albisetti e Colbacchini 1967: 127-137). Uma aldeia posterior, e a primeira na região do rio Vermelho, é Arigao Bororo, identificada com o sítio MT-SL-11. Segundo o mesmo relato mítico, o aumento demográfico nesta aldeia levou ao surgimento de sete novos assentamentos. Estes distam entre 23 a 60 km da aldeia mãe e alguns ainda estão sendo lembrados pelos Bororo da atualidade, como é o caso de Pobojarí, Jarudore, Aijere, Itubore e Kejari, que foram ocupados até meados do século XX.

Como a nomeação de uma aldeia se refere a toda uma região e não a um assentamento específico, a tradição oral proporcionou em alguns casos informações sobre a seqüência cronológica daqueles sítios que pertenciam a uma mesma comunidade local e que se situam muito próximos. Anterior ao contato, a permanência nas al-

deias parece ter sido relativamente curta sendo que as razões principais do deslocamento das mesmas devem ser procuradas na deterioração das casas, condições sanitárias, freqüentes mortes, e não no esgotamento dos solos, como já foi observado por Gross (1983: 436).

As evidências arqueológicas das antigas aldeias Bororo

Padrões de assentamento

A prospecção sistemática em 5 áreas-piloto (20 x 15 km) e o levantamento extensivo nas áreas adjacentes resultou no registro de 155 sítios arqueológicos dos quais 26 puderam ser identificados como antigas aldeias Bororo e dois como sítios de atividades específicas articuladas (vide

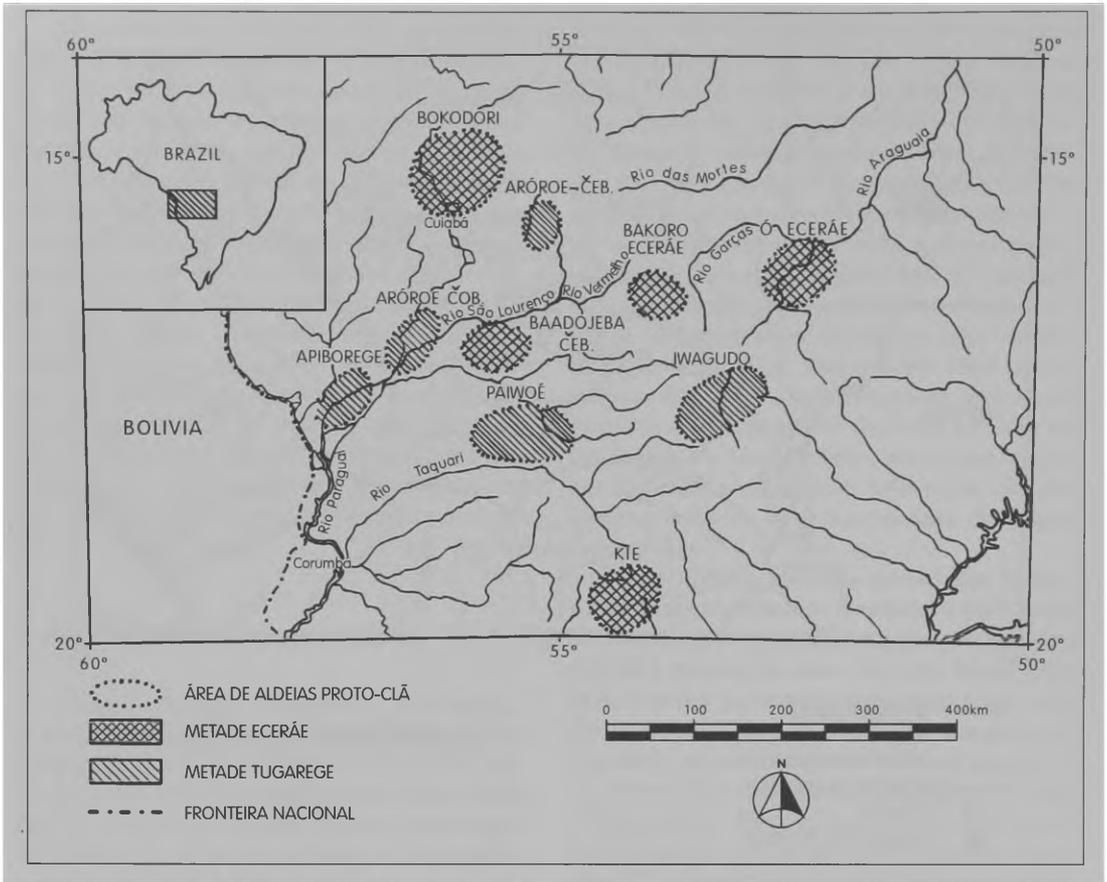


Fig. 2 – Mapa ênico dos territórios das antigas aldeias Bororo com hegemonia dos proto-clãs.

Figura 3). A relação destes sítios, suas respectivas características ambientais e morfológicas, bem como a sua posição cronológica, encontram-se na Tabela 2, juntamente com a cultura material, fornecerão os subsídios para a interpretação dos processos e das mudanças culturais. Para 12 destas aldeias dispomos de coletas sistemáticas que abrangem um total de 3037 fragmentos cerâmicos, 227 peças líticas e 134 objetos industrializados.

O padrão tradicional dos assentamentos Bororo é linear. As aldeias mais antigas se encontram exclusivamente ao longo dos maiores cursos d'água, que favorecem a pesca, a defesa do território contra grupos canoieiros, como, por exemplo, os Guató (Koslowsky 1895), e onde os solos das matas-galerias permitem o desenvolvimento de uma agricultura predominantemente baseada no milho (cf. Serpa 1988). Durante os primeiros contatos com a sociedade brasileira, o espaçamento entre as

aldeias do rio Vermelho é bastante regular e varia entre 18 e 23 km (vide Figura 4). Na primeira metade do século XX, no entanto, ocorrem mudanças significativas, não apenas no que tange aos aspectos demográficos, mas também em relação à localização e à morfologia das aldeias. As tradicionais aldeias anulares foram substituídas por pequenos acampamentos de poucas casas irregularmente dispostas (MT-RN-19, MT-GA-04, MT-GA-05), situando-se em relevo mais acidentado e altitudes maiores. Mesmo quando a forma anular foi ocasionalmente mantida, estes assentamentos se encontram longe dos rios e em áreas pouco favoráveis à agricultura, como no caso das sucessivas ocupações de Tori Paru nas proximidades de Guiratinga (MT-SL-13, MT-SL-14, MT-SL-15). Em todas estas localidades as práticas agrícolas tradicionais foram amplamente substituídas pela caça e coleta, bem como pela aqui-

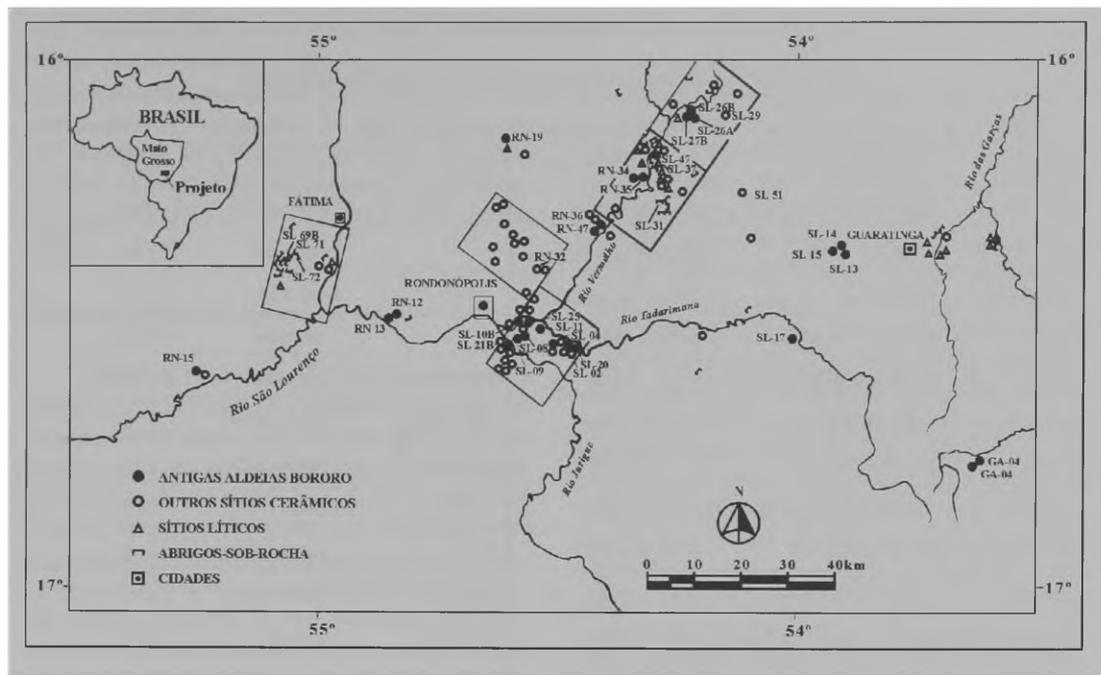


Fig. 3 – Os sítios arqueológicos na área do rio Vermelho e alto rio São Lourenço.

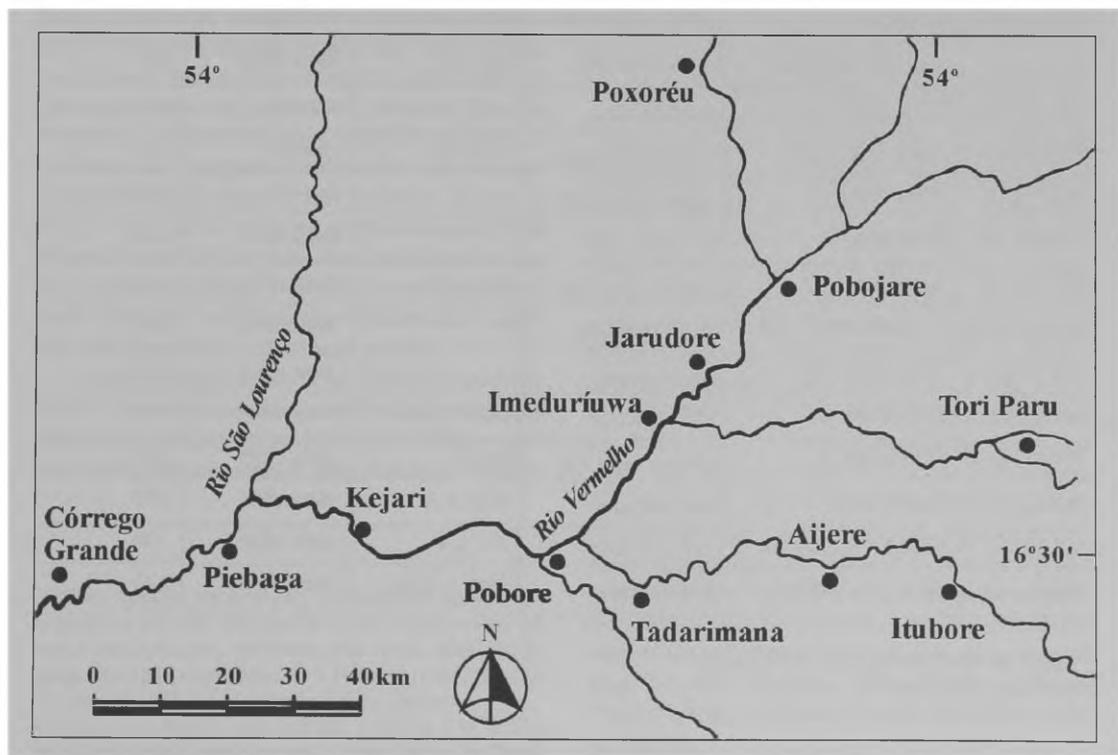


Fig. 4 – Aldeias Bororo no rio Vermelho e alto rio São Lourenço, primeira metade do século XX.

TABELA 2

Antigas aldeias Bororo, cronologia, tamanho e aspectos ambientais					
Sigla	Nome do sítio	Período de ocupação	Tamanho (m)	Vegetação	Altitude
MT-GA-04	CAJANGO 1	1919 1943 AD	50 x ?	cerrado	670
MT-GA-05	CAJANGO 2	± 1950 AD		cerrado	680
MT-RN-12	KEJARI 1	primeiros contatos		cerrado	180
MT-RN-13	KEJARI 2	1950 1963 AD		cerrado	170
MT-RN-15	GOMES CARNEIRO	1910 1950 AD		cerrado	185
MT-RN-19	ALDEIA BOCODORO	1918 1948 AD	50 x 35	cerrado	370
MT-RN-34	JARUDORE 1	± 1950 AD	180 x 110	mata ciliar	270
MT-RN-35	JARUDORE 2	? 1982 AD	60 x 35	mata ciliar	265
MT-RN-36	ROÇA DO WALDEMAR	± 1900 AD	128+ x ?	mata ciliar	240
MT-RN-47	ANA SARAIVA	pré-contato	155+ x ?	mata ciliar	235
MT-SL-02	TADARIMANA 2	1974 1979 AD	345 x 80	mata ciliar	210
MT-SL-04 A	ROÇA COMUNITÁRIA 1	pré-contato	205 x ?	cerrado	210
MT-SL-08	PABORE 1	± 1900 AD		cerrado	220
MT-SL-09	PABORE 2	1910 1940 AD		mata ciliar	210
MT-SL-10 B	PABORE 3	1949 1974 AD	90+ x 60+	mata ciliar	210
MT-SL-11	ARIGAO BORORO	1660 ± 70 AD	450 x ?	mata ciliar	240
MT-SL-13	TORI PARU 1	± 1920 AD		cerrado	330
MT-SL-14	TORI PARU 2	1929 1935 AD	110 x 85	cerrado	340
MT-SL-15	TORI PARU 3	1960 1978 AD		cerrado	330
MT-SL-17	ITUBORE	? 1940 AD		mata ciliar	320
MT-SL-20	TADARIMANA 1	1979 1983 AD	220 x 40	mata ciliar	220
MT-SL-21 B	CARRAPICHO 2*	após 1900 AD		mata ciliar	245
MT-SL-25	KUOGO I GURU	pré-contato		mata ciliar	210
MT-SL-26 A	PABOJARE 2	? 1973 AD	100+ x 100+	mata ciliar	270
MT-SL-26 B	PABOJARE 3	1973 1980 AD	25 x 8	mata ciliar	270
MT-SL-27 B	PABOJARE 1	pré-contato	105+ x ?	mata ciliar	273
MT-SL-31	MORRO DA JANELA 1**	pré-contato	102 x 4	mata ciliar	320
MT-SL-47	SÍTIO DA LAGOA	pré-contato	100+ x 110+	mata ciliar	245

(*) Sítio de atividade limitada a céu aberto

(**) Abrigo sob rocha

sição de bens junto às fazendas, onde os Bororo foram ocasionalmente engajados como mão-de-obra. Esta mudança drástica na localização dos assentamentos e no sistema de subsistência levou vários autores a caracterizar os Bororo, de forma errônea, como predominantemente caçadores/coletores (cf. Baldus 1979, Bordignon 1986, Lowie 1946).

Heterogeneidade cultural

Apesar de uma relativa homogeneidade tecnológica e morfológica dos artefatos cerâmicos dos Bororo etnográficos, encontramos, em graus variados, em 11 das 26 antigas aldeias, material cerâmico que pode ser identificado como as tradições Uru³ e Tupiguarani Policrômica⁴ (vide Figura 5). A repetição deste fenômeno, bem como a associação estratigráfica das diferentes tradições ceramistas, tomam a hipótese de uma reocupação dos mesmos locais pouco provável. Por este motivo, sugerimos não apenas a existência de redes de troca, mas, particularmente, um processo de possíveis fusões culturais e étnicas, como é indicado por meio da troca mútua entre os aspectos estilístico e tecnológico de tradições ceramistas distintas. Desta forma, encontramos não apenas recipientes cerâmicos Bororo temperados com caco moído (tempero típico da tradição Tupiguarani), mas também recipientes policrômicos Tupiguarani temperados com cariapé (antiplástico característico das cerâmicas Bororo e Uru). Como não há nenhuma aparente explicação de natureza tecnológica para estas modificações, estou inclinada a atribuir a este fenômeno uma conotação simbólica, eventualmente relacionada a questões que envolvem a identidade grupal.

Como se pode observar na Tabela 3 e no Gráfico 1, a heterogeneidade da cerâmica é maior nos sítios mais antigos do período pré-contato e contato inicial que nas aldeias mais recentes. Enquan-

to no sítio mais antigo desta sequência (MT-SL-11), que recua à segunda metade do século XVII, os artefatos da tradição Uru atingem quase 80%, no sítio MT-RN-36, ocupado ao redor de 1900, os artefatos cerâmicos da tradição Uru são representados por menos de 1%. Em quatro antigas aldeias Bororo registra-se adicionalmente a presença da tradição Tupiguarani que alcança no sítio MT-RN-12 dos primeiros contatos 18%, enquanto no sítio MT-RN-36 apenas 0,5%. Nos assentamentos mais recentes, todavia, há uma clara tendência para uma homogeneização do repertório cerâmico e que poderia ser interpretada em termos de uma imposição estética pelos portadores originais da tradição ceramista Bororo, com o objetivo de fortalecer a identidade grupal. No entanto, uma certa continuidade do uso de caco moído como tempero (característico da tradição Tupiguarani) em vasilhames externamente identificáveis como aqueles dos Bororo, poderia indicar uma resistência sutil em relação à imposição deste novo padrão, e que em alguns sítios perdura até o final da primeira metade do século XX. Por sua vez, com a crescente adoção de implementos industrializados (vidro, metal e plástico), a confecção cerâmica caiu em rápido declínio, sendo totalmente abandonada nos anos 70.

Apesar desta clara descontinuidade na tecnologia cerâmica e lítica na bacia do rio Vermelho a partir do final do século XVII e o início do século XVIII, quando se estabeleceram os Bororo etnograficamente conhecidos, encontramos algumas continuidades culturais, sobretudo no que tange aos aspectos morfológicos dos assentamentos e à estratégia de sua localização. As unidades residenciais, tanto dos sítios Uru quanto Bororo, são organizadas em dois ou mesmo três anéis concêntricos ao redor de uma praça central. Enquanto nos sítios da tradição Uru apenas ocasionalmente foi registrada uma estrutura central (equivalente à casa dos homens), no contexto etnográfico Bororo, esta sempre está presente, podendo ser considerada um indicador para uma vida ritual mais elaborada, bem como para uma maior divisão entre sexo e idade que no período anterior. No que se refere à localização das primeiras aldeias Bororo, privilegiaram-se as margens dos rios principais, uma vez que o milho e o peixe figuraram como as principais fontes de abastecimento.

Como já foi observado por Hodder (1978, 1982), não se pode estabelecer *a priori* nenhuma corre-

(3) Esta tradição ceramista foi inicialmente descrita por Schmitz *et al.* 1982 para Goiás e, até o atual estado do nosso conhecimento, apresenta uma ampla distribuição geográfica entre os paralelos 11 a 16 desde o rio Tocantins (Goiás) até o rio São Lourenço (Mato Grosso).

(4) Para uma síntese desta tradição cerâmica e as teorias de sua dispersão, vide Brochado (1984, 1989). No Brasil Central e, sobretudo, no sudoeste de Goiás, foi primeiramente descrita por Fensterseifer e Schmitz (1975).

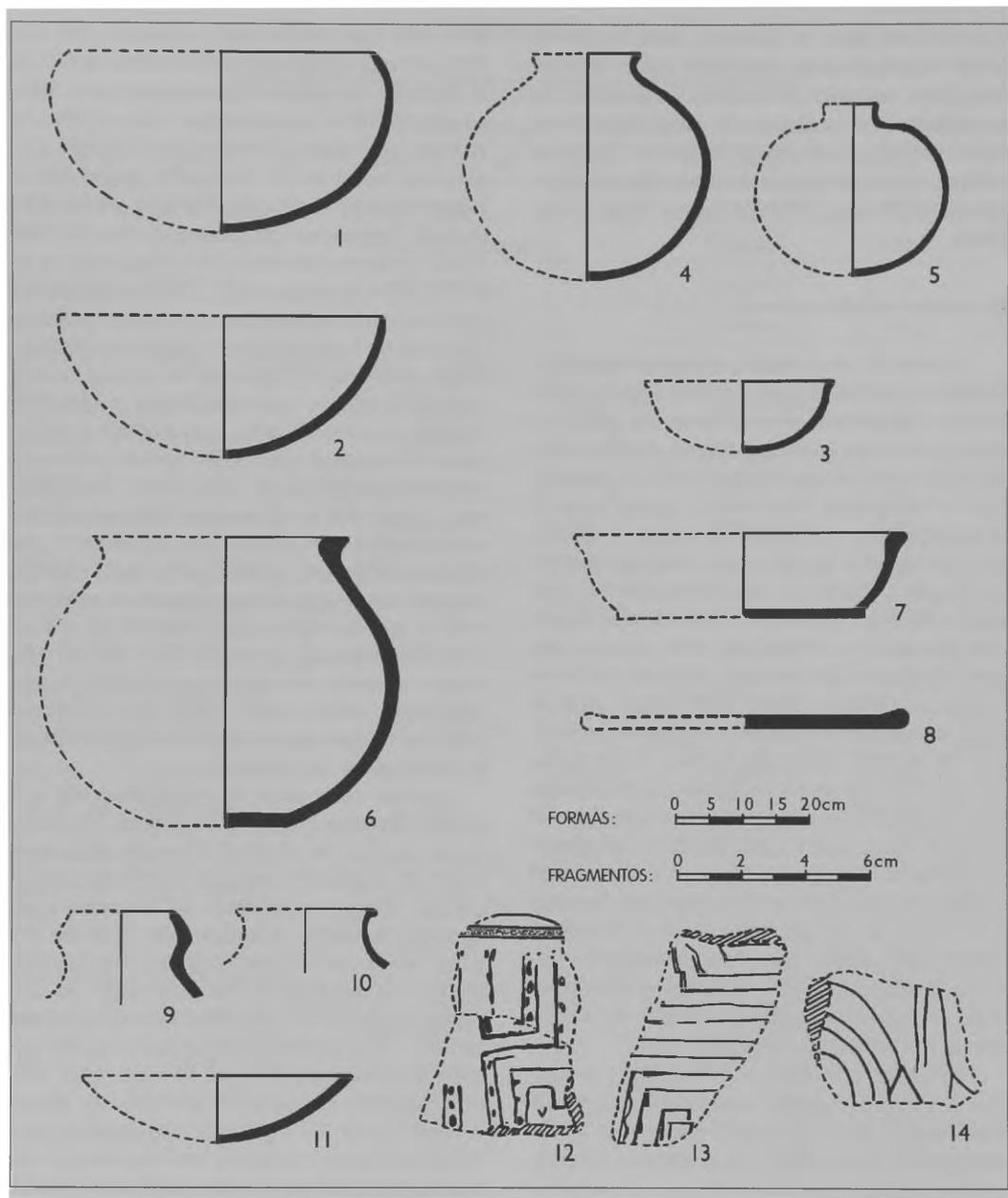


Fig. 5 – Os artefatos cerâmicos na antigas aldeias Bororo. 1 a 5: Cerâmica Bororo; 6 a 8: Cerâmica da Tradição Uru; 9 a 14: Cerâmica da Tradição Tupiguarani Policrômica.

lação entre estilos cerâmicos específicos e unidades sociológicas. Neste estudo de caso, no entanto, o repertório cerâmico, pelo menos no nível das grandes tradições, parece indicar diferentes matrizes culturais. Diante das informações etnográ-

ficas e etnohistóricas, não há dúvida de que os sítios aqui discutidos foram predominantemente ocupados por pessoas que se consideraram Bororo. Desta forma, estamos inclinados a interpretar a heterogeneidade da cerâmica nestes sítios,

TABELA 3

Tradições cerâmicas nas antigas aldeias Bororo										
Sítio	Período*	Tradições cerâmicas						Cerâmica	Lítico	Industrial
		U%	U/T%	B%	BT%	T%	C%	Total	Total	Total
MT-SL-11 (0-20 cm)	1	80,65		19,35				62	6	
MT-SL-11 (20-40 cm)	1	74,07		25,93				27	18	
MT-RN-47	1			84,89	2,47	12,64		364	12	
MT-SL-04 A	1		4,76	87,30	7,94			63	8	
MT-SL-27 B	1			87,33	12,67			150		
MT-RN-12	2	36,52	1,22	43,65		18,61		575	48	2
MT-SL-09	3			86,29	13,71			124	19	13
MT-RN-15	3			92,75	4,35	2,90		69	1	4
MT-RN-36	3	0,07		98,18	1,19	0,49	0,07	1428	102	8
MT-RN-19	3			100,00				37	3	3
MT-SL-14	3			100,00				13	6	x
MT-RN-34	4			100,00				101		6
MT-RN-35	4			100,00				6		x
MT-SL-20 (0-40 cm)	4			100,00				11	3	54
MT-SL-26 B	4			100,00				7	1	44
Total								3037	227	134

*** Abreviação para os períodos:**

- 1 = Período pré-contato
- 2 = Primeiros contatos diretos
- 3 = Primeira metade do século XX
- 4 = Segunda metade do século XX

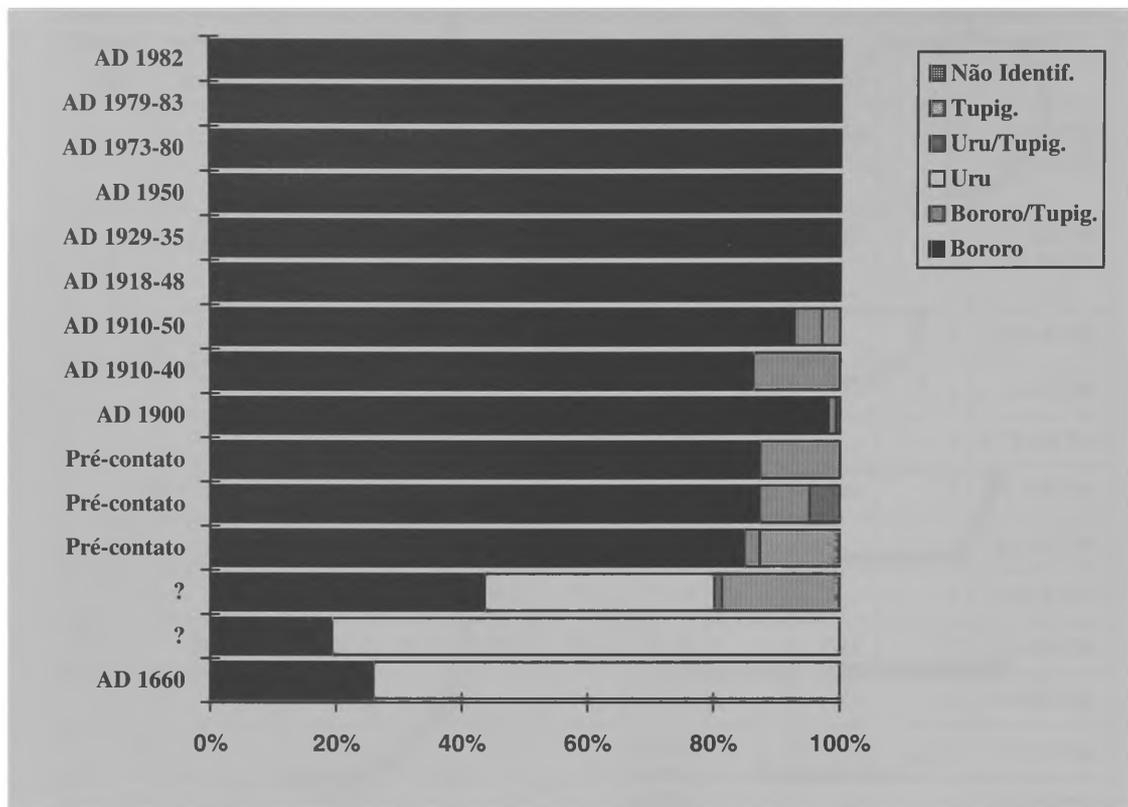
Abreviações para as Tradições Cerâmicas:

- U = Uru; U/T = Uru e Tupiguarani
- T = Tupiguarani; B = Bororo
- B/T = Bororo e Tupiguarani
- C = Tradição cerâmica não identificada
- x = Presença de artefatos industrializados

e o subseqüente processo de homogeneização, em termos de um complexo processo de simbiose entre pessoas de origens culturais, e provavelmente étnicas, distintas. Até que ponto, no entanto, os portadores das tradições ceramistas distintos se

consideraram e/ou foram considerados de fato Bororo autênticos, foge do alcance interpretativo, exclusivamente baseado em evidências arqueológicas. Na medida em que aceitamos um processo simbiótico na formação desta sociedade, ceramis-

GRÁFICO 1
TRADIÇÕES CERÂMICAS NAS ANTIGAS ALDEIAS BORORO



tas com origens culturais e étnicas distintas, poderiam ter adotado este novo padrão estilístico, seja para mascarar diferenças sociais, promover a comunicação ou, mesmo, expressar um sentimento de uma nova etnicidade emergente.

Usarei aqui o termo simbiose para designar um processo, segundo o qual comunidades locais com origens culturais e/ou étnicas semelhantes ou distintas se agregam, dando origem a uma nova formação sociocultural. Este fenômeno pode se dar em sociedades tanto igualitárias quanto fortemente hierarquizadas, podendo a cultura material ser manipulada para reforçar ou suprimir etnicidades, como Ramos (1980) descreve, por exemplo, para diferentes contextos brasileiros. Os dados arqueológicos aqui apresentados parecem indicar que, no início deste processo, diferentes tradições ceramistas foram mantidas, mas que ao longo do tempo deram lugar a um repertório mais homogêneo. Neste contexto também a seguinte observação de Lévi-Strauss (1973: 217) co-

meça a fazer sentido: *“Cosa curiosa: antaño, la alfarería bororo parece haber sido decorada, pero quizás una prohibición religiosa relativamente reciente eliminó esta técnica.”* Estaríamos, assim, diante de um fenômeno de um domínio político de um dos antigos grupos locais, inicialmente minoritários, semelhante ao daquele descrito, por exemplo, por Hodder (1979) e que certamente envolveu de forma especial o segmento feminino, diretamente engajado na confecção ceramista.

Adicionalmente, a análise de alguns mitos Bororo mostra que esta sociedade se concebe como resultado de uma fusão de grupos locais distintos e que, inclusive, antigos inimigos foram incorporados em clãs específicos, caso alguma reciprocidade estivesse garantida (cf. Viertler 1986). A tendência para uma maior homogeneidade nos artefatos cerâmicos nas aldeias Bororo mais recentes pode ser interpretada ultimamente em termos de um processo no qual um grupo minoritário (segundo Viertler 1986 relacionado à atual me-

tade dos Tugarege) entrou na área e começou a dominar os grupos ali estabelecidos, impondo novos padrões estéticos e culturais, entre os quais a produção da cerâmica, com o objetivo de consolidar e reforçar a etnicidade de comunidades locais no limiar do contato direto com a sociedade brasileira.

As aldeias anulares podem ser consideradas como um desenvolvimento cultural autônomo do Brasil Central (cf. Wüst e Barreto, no prelo) e apresentam, no caso Bororo, uma forte relação com aspectos sóciopolíticos e cosmológicos (Fabian 1992, Viertler 1976). A continuidade desta morfologia dos assentamentos, também característica para os ocupantes anteriores desta região, apesar da ruptura nos quadros tecnológicos, parece reforçar a idéia de uma simbiose cultural. Os nossos dados, todavia, indicam, em primeiro lugar, que este processo parece ter sido muito mais complexo que aquele descrito por Zerries (1953), segundo o qual o sistema dual Bororo teria surgido a partir da fusão de dois grupos étnicos distintos; e, em segundo lugar, que os sistemas duais parecem ter existido, no sudeste do Mato Grosso, bem antes da existência dos Bororo etnograficamente documentados.

Para corroborar estas hipóteses, futuras pesquisas se tornam necessárias, especialmente naquelas áreas nas quais os antigos proto-clãs teriam exercido a sua influência política. Mesmo se parece utópico encontrar indicadores arqueológicos para grupos étnicos auto-conscientes (como foi apontado por Jones 1997: 127), a nossa interpretação das continuidades e descontinuidades na cultura material, em termos de um processo de origem pluri-étnico e cultural, é passível de testes independentes por meio de evidências lingüísticas e biológicas.

Conclusões

Os dados aqui apresentados têm algumas implicações para a pesquisa arqueológica, sobretudo naquelas áreas nas quais se possa estabelecer uma continuidade entre o registro pré-histórico e grupos indígenas específicos:

1 – Os dados etnohistóricos, etnoarqueológicos e arqueológicos, em uma pequena parte do território tradicional Bororo, mostram que pelo menos algumas das sociedades indígenas atuais

do centro-oeste Brasileiro parecem ter sido o resultado de um processo relativamente recente de incorporações de matrizes culturais e étnicas.

2 – Como grupos étnicos podem aparecer em contextos sociais específicos e se caracterizam por uma maior ou menor estabilidade (cf., por exemplo, Cordell e Yanni 1991: 107), qualquer relação entre culturas arqueológicas e grupos etnográficos específicos precisa basear-se em uma clara evidência de uma continuidade cultural, podendo a visãoêmica sobre processos históricos fornecer subsídios valiosos na formulação de hipóteses.

3 – Mesmo que a formação dos Bororo etnográficos possa ser explicada parcialmente como resultado da pressão exercida pelo contato direto e indireto do colonizador europeu, o surgimento das aldeias anulares no centro-oeste brasileiro não pode ser responsabilizado por isso, como foi sugerido por Gross (1979).

4 – O contato direto com a sociedade brasileira provocou profundas mudanças culturais no que tange à demografia, à localização de assentamentos, às estratégias de subsistência e à cultura material. Desta forma, os grupos indígenas atuais não devem ser considerados como modelos para interpretar o estilo de vida dos seus ancestrais, como já foi ressaltado, entre outros, por Roosevelt (1994) e Whitehead (1992).

5 – O presente exemplo mostra também que se possa esperar, para o período pré-colonial do Brasil Central, movimentos migratórios significativos, principalmente a partir do século XIV da nossa era e que se intensificaram a partir do contato direto e indireto com a sociedade brasileira. Desta forma, diferentes tradições ceramistas podem constituir a base para o quadro tecnológico de grupos indígenas etnográficos. Isto significa que esquemas classificatórios étnicos e arqueológicos não expressam necessariamente a mesma coisa (cf. Dongoske *et al.* 1997). Assim, diferentes tradições culturais arqueologicamente identificadas podem estar relacionadas a uma sociedade que se concebe como um único grupo, ou que culturas arqueológicas, aparentemente homogêneas, possam ter sido produzidas por membros de grupos culturais e/ou étnicos distintos.

6 – Uma vez que processos de natureza simbiótica ocorrem em comunidades locais específicas e não necessariamente em todos os assentamentos de um mesmo período, a interpretação de suas implicações na construção da etnicidade exi-

ge prospecções sistemáticas regionais, dando-se ênfase especial à morfologia dos sítios, aos

padrões de assentamento e, sobretudo, à variabilidade da cultura material inter e intra-sítio.

Referências bibliográficas

- ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A.J.
1962 *Enciclopédia Bororo*, Volume I. Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande.
1967 *Enciclopédia Bororo*, Volume II. Museu Regional Dom Bosco, Campo Grande.
- BALDUS, H.
1979 A posição social da mulher entre os Bororo Orientais. *Ensaio de Etnologia Brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional: 60-91.
- BORDIGNON ENAWURÉU, M.
1986 *Os Bororo na História do Centro-Oeste Brasileiro*. Missão Salesiana, Campo Grande.
- BROCHADO, J.P.
1984 *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. Ph.D. Thesis, University of Illinois.
1989 A expansão dos Tupi e da cerâmica da tradição policrômica amazônica. *Dédalo*, São Paulo, 27: 65-82.
- CARNEIRO, R.L.
1983 The cultivation of manioc among the Kuikuru Indians of the Upper Xingu. R.B. Hames; W.T. Vickers (Eds.) *Adaptive Responses of Native Amazonia*. New York, Academic Press: 65-111.
- CASTRO E.V. de; CUNHA, M.C. da (Eds.)
1993 *Etnologia e História Indígena*. Núcleo de História Indígena e do Indigenismo. São Paulo: USP-FAPESP.
- CORDELL, K.S.; YANNIE, V.J.
1991 Ethnicity, ethnogenesis, and the individual: a processual approach toward dialogue. W. Preucel (Ed.) *Processual and Postprocessual Archaeologies: Multiple Ways of Knowing the Past*. Occasional Paper No. 10. Center for Archaeological Investigations, Carbondale, Southern Illinois University: 96-107.
- CUNHA, M.C. da (Ed.)
1992 *História dos Índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CROCKER, J.C.
1967 *The Social Organization of the Eastern Bororo*. Ph.D. Thesis. Department of Social Science. Harvard University, Cambridge.
1969 Reciprocity and hierarchy among the Eastern Bororo. *Man*, 4 (1): 44-58.
- DONGOSKE, K.E.; YEATTS, M.; ANYON, R.; FERGUSON, T.J.
1997 Archaeological cultures and cultural affiliation: Ho-pi and Zuni perspectives in the American Southwest. *American Antiquity*, 62 (4): 600-608.
- FABIAN, S.M.
1992 *Space-time of the Bororo of Brazil*. Gainesville: University Press of Florida.
- FENSTERSEIFER, E.; SCHMITZ, P.I.
1975 Fase Iporá. Uma fase Tupiguarani. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, 2: 19-70.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M.
1996 *A Ocupação Ceramista Pré-colonial do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, São Paulo.
- GROSS, D.R.
1979 A new approach to Central Brazilian social organization. M.L. Margolis; W.E. Carter (Eds.) *Anthropological Perspectives. Essays in Honor of Charles Wagley*. New York, Columbia University Press: 321-342.
1983 Village movement in relation to resources in Amazonia. R.B. Hames; W.T. Vickers (Eds.) *Adaptive Responses of Native Amazonians*. New York, Academic Press: 429-449.
- HECKENBERGER, M.J.
1996 *War and Peace in the Shadow of Empire: Sociopolitical Change in the Upper Xingu of Southeastern Amazonia, AD. 1400-2000*. Ph.D. Thesis, University of Pittsburgh.
- HODDER, I.
1978 Simple correlations between material culture and society: a review. I. Hodder (Ed.) *The Spatial Organization of Culture*. London, Duckworth: 3-20.
1979 Economic and social stress and material culture patterning. *American Antiquity*, 44 (3): 446-454.
1982 *Symbols in Action: Ethnoarchaeological Studies of Material Culture*. Cambridge: Cambridge University Press.
- JONES, S.
1997 *The Archaeology of Ethnicity. Constructing Identities in the Past and Present*. London, New York: Routledge.
- KOSLOWSKY, J.
1895 Três semanas entre os índios Guató. *Revista do Museu de la Plata*, 6: 221-250.
- LÉVI-STRAUSS, C.
1973 *Tristes Trópicos*. Buenos Aires: Editorial Universitaria.
- LOWIE, R.H.
1946 The Bororo. J.H. Steward (Ed.) *Handbook of South American Indians*. Volume I. Washington, Smithsonian Institution: 419-434.
- MAYBURY-LEWIS, D.
1974 *Akwe-Shavante Society*. Oxford: Oxford University Press.
- MAYBURY-LEWIS, D. (Ed.)
1979 *Dialectical Societies The Gê and Bororo of Central Brazil*. Cambridge and London: Harvard University Press.

- MEGGERS, B.J.
1991 Cultural evolution in Amazonia. *Anthropological Papers*, Ann Arbor, Museum of Anthropology, University of Michigan, 85: 191-216.
1995 Archaeological perspectives on the potential of Amazonia for intensive exploitation. T. Nishizawa; J.I. Uitto (Eds.) *The Fragile Tropics of Latin America: Sustainable Management of Changing Environments*. Tokyo, New York and Paris, United Nations University Press: 68-93.
- MILLER, E.T. et al.
1992 *Arqueologia: Ambiente Desenvolvimento, Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte, Resultados Preliminares*. Centrais Elétricas do Norte do Brasil, S.A., Brasília.
- NEVES, W.A. (Org.)
1991 *Origens, Adaptações e Diversidade Biológica do Homem Nativo da Amazônia*. Coleção Snethlage. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi.
- NIMUENDAJÚ, C.
1942 *The Serente*. Washington, Publication of Frederick Webb Hodge Anniversary. Publication Fund.
1946 The eastern Timbira. *Publications in American Archaeology and Ethnology*, 41. Berkeley: University of California Press.
- RAMOS, A.
1980 *Hierarquia e Simbiose. Relações Intertribais no Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec.
- ROOSEVELT, A.C.
1994 Amazonian anthropology: strategy for a new synthesis. A.C. Roosevelt (Ed.) *Amazonian Indians from Prehistory to Present, Anthropological Perspectives*. Tucson and London, University of Arizona Press: 1-32.
- SCHMITZ, P.I.
1987 Prehistoric hunters and gatherers of Brazil. *Journal of World Prehistory*, 01 (1): 53-126.
- SCHMITZ, P.I.; WÜST, I.; COPÉ, S.M.; THIES, U.E.
1982 Arqueologia do centro-sul de Goiás – Uma fronteira de horticultores indígenas no centro do Brasil. *Pesquisas Antropologia*, 33 (São Leopoldo).
- SERPA, P.M.N.
1988 *Boé Épa. O Cultivo da Roça entre os Bororo do Mato Grosso*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais, FFLCH-USP, São Paulo.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J.
1993 Radiocarbon calibration program, Revision 3.0. *Radiocarbon*, 35: 215-230.
- VERZWIJVER, G.
1978 Os Kayapó – separações e junções dos grupos do Norte. *Atualidade Indígena*, Brasília, 2 (12): 14-15.
- VIERTLER, R.B.
1976 As aldeias Bororo. Alguns aspectos de sua organização social. *Coleção Museu Paulista, Série Etnologia*, 2, São Paulo.
1986 A formação da sociedade Bororo: mitologia e considerações etnohistóricas. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 29: 1-39.
1987 Mito, rito e condições de sobrevivência entre os índios Bororo do Mato Grosso: esboço para uma abordagem interdisciplinar do fenômeno mítico. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 27: 113-124.
1989 O estudo antropológico de aldeias indígenas no Brasil: estado atual de uma pesquisa entre os Bororo. *Dédalo*, São Paulo, 27: 47-64.
1990 As duras penas. Um histórico das relações entre índios Bororo e “civilizados” no Mato Grosso. *Antropologia*, FFLCH/USP, São Paulo, 16.
- WÜST, I.
1983 *Aspectos da ocupação pré-colonial em uma área do Mato Grosso de Goiás: tentativa de uma análise espacial*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Sociais, FFLCH-USP, São Paulo.
1990 *Continuidade e Mudança: Para uma Interpretação dos Grupos Pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso*. Tese de Doutorado, Departamento de Ciências Sociais, FFLCH-USP, São Paulo.
1992 Pre-colonial settlement strategies in Bororo territory, Brazil. O.R. Ortiz-Troncoso, T. van der Hammen (Eds.) *Archaeology and Environment in Latin America*. (Proceedings of the 46th Congress of Americanists 1988, Amsterdam): 253-258.
- WÜST, I.; SCHMITZ, P.I.
1975 A fase Jataí – um estudo preliminar. *Anuário de Divulgação Científica*, Goiânia, 2: 71-93.
- WÜST, I.; CARVALHO, H.B.
1996 Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do centro-oeste brasileiro: A análise espacial do sítio Guará 1 (GONI-100), Goiás. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 6: 47-81.
- WÜST, I.; BARRETO, C.
The ring villages of central Brazil: a challenge for Amazonian archaeology. *Latin American Antiquity* (no prelo).
- WHITEHEAD, N.L.
1992 Tribes make states and states make tribes: warfare and the creation of colonial tribes and states in northeastern South America. R.B. Ferguson; N.L. Whitehead (Eds.) *War in the Tribal Zone, Expanding State and Indigenous Warfare*. Santa Fe, School of American Research Press: 127-150.
- ZERRIES, O.
1953 The bullroarer among South American Indians. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, N. S., VII: 275-310.